

DISTANCIAMENTO PARENTAL: UM RELATO SOBRE A EDUCAÇÃO

Guilherme Tochetto¹
Ilvo Fernando Porti²

Resumo: Este estudo foi realizado em função da observação do fracasso escolar que vivemos em nossa sociedade. Foi então utilizado de uma pesquisa etnográfica, onde fiquei por 6 meses dentro da escola observando e discutindo mudanças com o corpo docente da instituição para o melhor aproveitamento dos alunos. Observamos então que a distancia da família e a falta de atenção produzem sofrimento psíquico nos estudantes, criando, assim, uma necessidade de atenção de todos os que podem servir de referências. Este estudo me fez pensar, também, em como os estudantes podem se sentir parte da escola, e como fazer com que suas famílias também se responsabilizem pelo ensino. Alunos, família e funcionários, todos são parte da escola, todos têm seus conhecimentos para que ela funcione, então existe a necessidade de parar de culpar uns aos outros e realizar um trabalho conjunto para a melhora da situação atual da educação.

Palavras-chave: Distanciamento Parental. Escola. Família. Psicologia. Educação

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como principal objetivo estabelecer relações entre a falta de comprometimento escolar, com o distanciamento do núcleo familiar do jovem. As observações e intervenções foram feitas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Aquilino Zatti, em Caxias do Sul no estado do Rio Grande do Sul, instituição que apresenta alto índice de notas abaixo da média.

No início de suas atividades, a escola tinha uma política mais acolhedora para as famílias, contudo este fator foi se perdendo à medida em que a escola percebia o que pareciam ser demonstrações de desinteresse parental na educação de seus filhos. Muitos são os motivos que os pais alegam, por exemplo, falta de tempo devido ao trabalho que ocupa boa parte de seu dia, ou acreditar que a escola deveria fazer o papel de ensinar e educar, sendo que eles não teriam nada para acrescentar. Depositam, assim, toda a culpa do fracasso escolar na instituição e, por outro lado, desacreditam totalmente nos seus jovens. Desse contexto tende a produzir-se, como sintomas, a falta de respeito com o outro, falta de limites, notas baixas, entre outros.

¹ Acadêmico do Curso de Psicologia da Faculdade da Serra Gaúcha.

² Mestre em Psicologia. Professor nos Cursos de Graduação na FSG. Endereço eletrônico: ilvo.porti@fsg.br.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Escola Aquilino Zatti foi criada devido à necessidade da população de uma parte da cidade que não estava sendo abrangida pela prefeitura naquele momento: não havia escolas próximas e não existia opções de lazer. A instituição nasceu então desta necessidade, e até mesmo sua quadra de esportes recebeu recursos para que a comunidade da zona leste de Caxias do Sul tivesse mais opções de lazer, mas algo acabou se perdendo da essência e a instituição se fechou novamente e voltou-se apenas para a educação formal, separando assim o lazer e a participação da comunidade como se fossem sem importância na formação dos jovens. Durante muitos anos, a escola sempre manteve a média 7 (sete), alta para os padrões da cidade que adota normalmente notas 6 (seis), e notaram que os alunos a cada ano decaíam mais, tanto na parte de aprendizagem dos assuntos trabalhados como nos quesitos humanos, como entrega de trabalhos e respeito com os demais. Diante desta questão foi calculado que no ano de 2014, no segundo trimestre, cerca de 70% da escola já apresentava notas abaixo da média.

Foram então propostas ideias para a mudança neste paradigma, realizaram assim um questionário voltado para as famílias dos alunos, para fazer um levantamento de dados que envolvia desde renda familiar até a quem eles atribuíam as baixas notas. Os resultados deixaram claro que a comunidade havia abandonado a escola, não conseguiam mais acreditar na união para a educação dos jovens, grande parte dos que responderam às perguntas exprimiram a culpa totalmente na instituição, não compreendendo que a escola se faz de uma associação de família, educadores e ensino.

O antropólogo americano Sólon Kimball (1960 pg.24), cita em uma das suas obras voltadas para a educação Brasileira que:

Aqui já é preciso compreender a cultura do homem comum, suas formas, características de agrupamento social, procurando depois construir um programa educacional capaz de ser aceito e compreendido por aqueles a quem se destina. Neste caso, não é possível separar o programa escolar do sistema familiar, dos princípios institucionais, ou deixar de considerar o lugar ocupado pelo homem comum brasileiro na sociedade, seja ela urbana ou rural.

É importante destacar que para um sistema escolar funcionar, o sistema familiar também deve estar funcionando, se não acaba tornando uma forma de culpar o outro pelo erro, quando seria mais interessante que as partes pensassem em conjunto para uma reformulação da ideia do fracasso escolar. Neste relatório usaremos o conceito de família não apenas no modelo nuclear tradicional, pai, mãe e filhos, onde o pai é a pessoa que tem o poder dentro da casa. Este modelo foi ampliado e como é dito por Szymanski (1992), a família é um grupo de pessoas que convivem em um mesmo espaço e contexto social com respeito e vínculos afetivos. Muitas famílias na escola onde foi realizado o trabalho são novas configurações, com modelos matriarcais ou morando com os avós, novos casamentos e filhos de pais muito jovens.

Acredito que o problema na escola se tornou muito mais que uma questão de notas baixas e sim um indicador para algo atrelado ao social daquela região. Roger Bastide (1948, p.30) diz que “a sociedade não é somente uma livre cooperação de espíritos e de vontades” mas é também formada por “imposições coletivas, exteriores e superiores ao indivíduo, às quais ele deve subordinar-se”. A escola está tentando passar a educação formal para os alunos, e a família espera que seus filhos saiam da escola com conhecimentos e valores acima daqueles que a escola pode oferecer. É um modo de pensar egoísta, pois assim a família pode exprimir toda a culpa da educação na escola enquanto eles continuam com prioridades nos seus empregos, deixando em segundo lugar seus filhos, e a escola culpa os alunos que não querem aprender e que não tem respeito por nada, não pensando assim em uma maneira diferente de pensar em educação.

E onde fica o lugar do aluno\filho? Sua família não acredita nele e os abandona e a escola não se torna um lugar atrativo, pois a motivação para os estudos não existe, então, como fica a vontade do adolescente nestes casos? E se este comportamento na escola for um indicador para a família prestar mais atenção nele. Mesmo sendo uma escola estadual de classe média, a boa parte dos chamados “alunos problemas” tem celulares de última geração e os levam para a escola mesmo sendo proibido o uso, podemos pensar na compensação dos pais, como acabam não ficando junto com seus filhos dão presentes caros para que ele se sinta melhor, tanto o filho que não vê os pais, quanto os pais que não conseguem ver os filhos. E como este presente foi dado com afeto, acabam levando para a escola para assim poderem chamar a atenção deles novamente.

Voltando um pouco ao tema do ensino na escola, Margareth Hall, (1946, p.266) diz em um estudo de caso:

Da entrevista com os pais o psicólogo escolar pode obter muitos dados valiosos a respeito dos seguintes fatores: baixo nível cultural do lar; pobre vocabulário dos membros da família; falta de interesse pela leitura e por toda atividade de ordem cultural ou intelectual; antagonismo para com as coisas do intelecto; falta de cooperação entre o lar e a escola, e estreiteza de interesses.

Hall nos cita diversos aspectos da vivência do jovem que pode levar a uma falta de comprometimento escolar que é ligada ao âmbito familiar. Mas a pergunta que fica é, apenas familiar? Se formos pensar o quanto, por exemplo, o hábito da leitura é importante para uma boa parte da sociedade atual. Entre ler livro ou assistir televisão, qual é a opção favorita da comunidade, da cidade e até mesmo do país/mundo. Seria então apenas a culpa de como a criança foi criada ou seria uma culpa de como a sociedade quer que as pessoas pensem?

A escola e as famílias acreditam que os jovens não estão pensando no futuro, analisando esta falta de comprometimento pode estar ligada a uma falta de certeza do mesmo, cada dia mais eles observam que apenas estar estudando ou ser formado não é garantia de emprego ou condições melhores, isso causa uma incerteza do futuro. Procuram então um caminho diferente do tradicional, não encontrando-o se perdem em incertezas. Celso dos S. Vasconcellos (1997, p. 231) diz:

Na escola, esta crise se manifesta de muitas formas, mas com certeza uma das mais difíceis de enfrentar é a absoluta falta de sentido para o estudo por parte dos alunos. A pergunta "estudar para quê", nos parece, nunca esteve tão forte na cabeça dos alunos como agora. "A famosa resposta dada por séculos de estudar para ser alguém na vida", chega a provocar risos nos alunos, ante a clara constatação de inúmeras pessoas formadas, porém desempregadas ou muito mal - remuneradas. Estamos vivendo a queda do mito da ascensão social através da escola.

Este texto foi escrito em 1997, mas continua atual 17 anos depois, e esta insegurança cresceu ainda mais por parte dos jovens, qual é o futuro que eles estão esperando, e o que eles podem fazer para mudar isto. Mas ao contrário do que existia, sua família não está mais tão próxima para apoiar suas decisões ou vetar o que está errado, está preocupada em manter o conforto que acreditam ser indispensável para a sobrevivência de sua família deixando as questões do afeto que se fazem necessárias em segundo plano. Estudar para ser alguém, ou ser alguém para estudar, questionamento válido se pensar em como a educação está atualmente,

para ser “alguém na vida” a sociedade exprime que é necessário o estudo, mas exemplos contrários são postos diariamente a frente deles, pais que nunca estudaram mas tem empregos fixos, eles são alguém, e são o alguém mais importante para o adolescente naquele momento. Não é necessário estudar para ser alguém, pois o adolescente já é um uma pessoa. No momento o jovem ainda está tentando ser alguém aos olhos do outro, desesperado acabam usando as armas que tem para chamar a atenção, a rebeldia as notas ruins, tudo isso pode ser enquadrado neste analisador.

Contradizendo a questão preconceituosa que apenas classes mais baixas e escolas públicas encontram estes problemas, Ofélia Cardoso (1949, p.81) analisou jovens com maior poder aquisitivo e boa parte delas possuíam “perturbações do caráter” pelos cuidados excessivos que seus pais tinham com elas e que poderiam se tornar revoltosos com a situação no futuro quando esta situação financeira decaísse e se vissem obrigados a abandonar a sua condição de “reis”. Cardoso também nos diz:

Em casos como esses, o meio familiar, em que a criança passa a maior parte do tempo, é, em tudo, a antítese do meio escolar. O que a escola procura construir a família destrói, num momento reduz a pó. Os exemplos vivos e flagrantes insinuam-se na carne, no sangue das crianças, ditando-lhes formas amorais de reação, comportamentos antissociais (Cardoso, 1949, p.82).

A família não consegue chegar até seu filho, e quando chega acaba extrapolando limites fazendo-o um “rei totalitarista” e a escola se vê no meio deste meio complicado de ensinar aos jovens, para um dia se tornarem um cidadão e um profissional que cuidará dos pais no futuro. Mas para isso a família precisa se responsabilizar. Nelson (1945, p.330) diz: “Quantos meninos violentos, irascíveis ou impulsivos, quantos indisciplinados, vadios, ou cleptômanos, têm vivido sem que seus pais hajam adotado atitude inteligente diante das primeiras manifestações de seu temperamento.” Nelson defende que o processo de educação dos filhos não poderia continuar sendo “cego e rotineiro”, mas sim algo superior a isso. Senão sempre o filho iria imitar o seu pai, não importando o quanto se tentasse modificar este comportamento, então nos apresenta um conceito de que se devia adotar algo mais individual para as famílias e alunos, levando em consideração cada elemento que a compõe e como poderiam ser trabalhadas suas individualidades. Nelson também coloca a questão dos pais não analisarem de forma inteligente as atitudes de seus filhos, que a ação que o jovem realiza tem que ser interpretado de uma maneira e pensado em conjunto com o mesmo para a identificação da problemática.

3 METODOLOGIA

Para este estudo, inspirei-me no “relato de experiência”, já que este trabalho é fruto das experiências vivenciadas na prática supervisionada que desenvolvi, enquanto atividade curricular do curso de Psicologia da FSG, e na metodologia de “pesquisa etnográfica”, na qual o pesquisador se coloca no interior da realidade a ser estudada, pois assim teria uma visão mais ampliada dos contextos que interagem junto à tal realidade. Ludke (1986) escreve que o estudo etnográfico funciona como uma ciência para a descrição da cultura, ou seja, descreve o sistema cultural de um grupo. Por ser uma pesquisa feita de dentro, você acaba redescobrando o problema na estadia no local, além disso como o pesquisador está inserido no contexto, todas as observações serão feitas por ele, sendo assim pouco será afetado pela visão de pessoas de fora.

Ludke também afirma sobre a pesquisa etnográfica “demanda um grande esforço do observador. Este deve tolerar ambiguidades, ser capaz de trabalhar sob sua própria responsabilidade, inspirar confiança, se preocupar em ser aceito, ser autodisciplinado, sensível, maduro, consistente, capaz de guardar informações (...).” Com isso acaba por vezes o problema inicial de pesquisa se transformando em outros, e necessitando de vários ajustes até chegar ao problema central vivido pelo grupo estudado.

A pesquisa etnográfica é separada em três etapas: “exploração” - que seria a escolha do local, delimitação do problema da pesquisa e estabelecimento de vínculos para a entrada no local; “decisão” - que seria a seleção dos dados para serem analisados; e “descoberta” - na qual se busca a explicação do que foi encontrado e dissertar sobre as novas análises que podem ser realizadas a partir do estudo realizado.

A coleta de dados deu-se de diferentes formas – entrevistas, participações em atividades desenvolvidas na escola, observações, conversas informais, entre outras, todas resultantes das vivências que tive no decorrer dos 4 meses de duração da prática supervisionada realizada na escola,

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Durante a prática supervisionada, tentei conversar com o grupo de professores e ver o que estes pensavam sobre a situação atual da escola, observei alguns com atitudes egoístas, pensando apenas no seu próprio bem, sem pensar na situação dos alunos. Depois de um tempo de organização, conversei com a coordenação pedagógica para pensarmos juntos em uma maneira de organizar a entrada das famílias novamente na escola, do integrar escola e comunidade. A orientadora pedagógica do local me comentou os novos esforços que estavam sendo feitos para que os pais fossem visitar mais frequentemente a escola, como fazer reuniões mais seguidas com professores, e não apenas os chamando como último recurso para recuperar as notas dos alunos, como estava feito nos anos anteriores. Isto começou a ser feito na metade do segundo semestre, porém, poucos pais estavam vindo para a escola. Como exemplo, temos uma turma em que vinte pais precisariam urgentemente conversar com os professores, mas apenas dois vieram, sendo que um deles não havia sido chamado, mas aproveitou que foi aberta a oportunidade para poder conversar com os professores de seu filho.

Infelizmente, houve problemas durante a realização do estágio na escola. Uma empresa que trabalha interdisciplinarmente fechou um contrato com a escola, trazendo assim psicólogas, enfermeiras, fonoaudiólogas, nutricionistas, entre outros profissionais para a instituição. Em um primeiro momento, achei fantástico: com mais profissionais trabalhando juntos, poderíamos ter resultados melhores, mas aos poucos notei que o trabalho que elas iam fazer não poderia ter interferência de alguém de fora, deixando um problema que não havia pensado, mais profissionais querendo trabalhar do que alunos querendo ser atendidos.

Tive que mudar a estratégia original. O projeto inicial se baseava em primeiro conversar com todos os alunos e depois criar uma rede junto com a comunidade para uma nova escola, integradora e universal, onde pais são bem vindos a contribuir com a escola, opinar e crescer junto. Neste mesmo dia que abandonei a ideia, fui intimidado junto a instituição, eles queriam resultados mais rápidos do que os que eu estava proporcionando. Expliquei a situação da quantidade de profissionais que haviam entrado na escola, além das aulas que tinham que continuar e as atividades planejadas com os alunos como feiras de ciência e passeios em geral. Foi então solicitado que eu enviasse novas propostas até a noite, pensei em novas estratégias e escrevi propostas pontuais para melhorar as notas que era a

principal demanda apresentada pela instituição para depois poder fazer alguma mudança estrutural na comunidade, mas impossível não pensar na estima dos alunos e de seus pais como o fator principal para o fracasso escolar.

Então, apresentei a proposta que pensei no saber de um dos garotos que conversei durante a estadia na instituição, ele me comentou o quanto gostava de assistir lutas, como os lutadores eram disciplinados e que um dia ele seria como eles. Pensei então em conversar com os alunos a respeito de oficinas que interessassem a eles como uma maneira de crescer sua estima, e assim aumentar as suas chances de melhora no âmbito escolar, a instituição então se mostraria não como um lugar punitivo e obrigatório, mas como um lugar de escolhas e que eles fazem parte destas, não apenas depósitos de conhecimento. Oficinas tem seu efeito comprovado por vários estudos em saúde mental e com pacientes com sofrimento psíquico, mas ainda não existem muitos estudos voltados para a melhora no âmbito escolar, mas pensando poderíamos ver certamente o sofrimento que estes adolescentes carregam em sua essência. Pensando nas oficinas voltadas a artes por exemplo, Andrade (2000) diz que o por meio desta o homem pode juntar o seu eu limitado a uma experiência do coletivo, apoderando-se assim das vivências alheias e crescendo como pessoa através do outro. Campos (2006) comenta a importância do “fazer junto”, de não olhar o aluno como alguém sem história, sem conhecimentos prévios, mas sim com uma visão global dele levando em conta seus fatores históricos, sociais, culturais, subjetivos, entre outros. Ou seja, dar o valor a quem não está sendo visto e escutado. Estamos pensando em uma forma diferente de pensar no educando, já que o aluno a princípio não tem nenhum problema psíquico grave, mas podemos pensar na falta de comprometimento escolar como um sintoma de que algo está errado e que pode vir a piorar, esta invisibilidade, sua diminuição como se fossem apenas um ser incompleto e que não tem seu valor na sociedade. No latim, *alumnos* é entendido por “filho adotivo”, por muito tempo esta palavra foi compreendida de forma equivocada como “sem luz”, fazendo uma observação pelas instituições de ensino vemos que ainda está presente este conceito, refutando qualquer tentativa do aluno de ter algum conhecimento prévio adquirido, estes já vêm de algum lugar com o seu próprio modo de pensar, sua individualidade.

A metáfora das crianças que se perdem no bosque de Canevaro é datada de 1976, mas continua muito presente nos dias de hoje, segue o trecho:

A escola é como um bosque no qual alguns sabem reencontrar o próprio caminho, sabem interpretá-lo e sabem orientar-se: passam o dia no bosque, divertem-se em descobri-lo, em conhecê-lo, através de seus bichinhos e de suas árvores e conseguem ligar tudo isso ao rastro e às lembranças que os levam pra casa (...) Outras crianças passam o dia no bosque e aprendem muitas coisas: conhecem árvores e plantas, animais e insetos, mas , no fim do dia, conhecem também o medo de não saber orientar-se, de não saber o caminho de casa. O bosque torna-se o lugar amedrontador no qual se perdem sem reconhecer os próprios rastros, sempre estranhos e sempre rejeitados. (...) As crianças que se perderam não sabem voltar para casa e nem mesmo ir para frente, porque, a cada passo que fazem perdem-se um pouco mais, por não saberem reconhecer nada de si mesmos e das coisas que estão em volta deles. (...) (CANEVARO, 1976)

Podemos pensar que nossos jovens, no sistema educacional moderno, têm um grande mundo a sua volta, cheio de informação, mas voltando para casa se perdem, o medo se torna seu maior obstáculo, o futuro incerto se torna um medo profundo, acabam perdendo parte delas mesmos neste processo em busca de algo desconhecido, ficando seus “rastros”, ou seja, seu próprio caminho trilhado até o presente momento, estranho como se não fossem deles.

Também ofereci ideias para uma gincana envolvendo os pais das crianças no fim de semana, para uma maneira dos pais verem que a escola também é um lugar de lazer, trazendo assim novamente uma parte da comunidade para a instituição. Propus também fazer orientação vocacional para os alunos dos oitavos anos para eles pensarem em um futuro diferente da indecisão atual que eles se encontravam, de conseguir ver o talento latente que cada um deles carrega dentro de si. Criei por último um questionário simples para tentar entender um pouco da situação familiar das turmas que estavam com maiores índices de notas baixas, tentando abranger também uma parte do entendimento que eles têm sobre eles mesmos. (Anexo 1).

Infelizmente a ideia principal (oficinas) não foi bem aceita pela escola, alegando que os alunos não iriam vir a escola e traria problemas posteriores a instituição. Neste momento comecei a pensar o quanto a escola já não está mais confiando nos seus estudantes, por que eles faltariam algo que eles mesmos iriam construir? Não houve uma tentativa de dar uma autonomia, afinal para uma instituição resistente é mais fácil continuar na deterioração do que apostarem em algo de novo em quem eles já perderam as esperanças. Minha outra proposta também foi recusada por motivos de tempo, afinal estamos no final do ano e não haveria tempo hábil para a realização. Fiquei então com a orientação vocacional com os alunos dos

oitavos anos e com meus questionários para uma melhor avaliação do ser integral daqueles estudantes.

Fiz meu primeiro questionário com um sexto ano que já havia conversado com vários alunos, eles me reconhecem como psicólogo do local o que me deixou mais à vontade para a aplicação. Para minha surpresa as respostas foram honestas, achei que levariam na brincadeira e com isso consegui levantar alguns dados importantes.

Naquela turma boa parte deles ficavam somente a noite com seus pais, e como estudam no turno matinal, passam pouco tempo com eles, restringindo assim a relação de família aos fins de semana quando dava tempo. Notei que boa parte da turma se considerava feliz, seus sonhos são adequados para a idade, mas os casos individuais de alguns me deixaram intrigado, o porquê alguns se sentiam tristes e porque alguns deixaram em branco a parte dos sonhos. Também foram observadas as novas configurações familiares em boa parte da turma – alunos com padrastos, madrastas, morando com avós e tios, filhos de novos casamentos e adoções. Impossível não pensar na individualidade deles, como pensar que uma escola nos moldes atuais conseguirá atender a uma demanda de alunos com tanto potencial criativo latente, mas que infelizmente estão presos a algo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infelizmente o trabalho acabou não tendo o andamento esperado, com a instituição resistente a uma tentativa de mudança, acabamos optando por realizar soluções mais pontuais que provavelmente não mudarão o declínio nas notas, mas que talvez ajudarão na resolução de muitos conflitos internos dos estudantes. Precisa ser feito um trabalho em conjunto, comunidade\escola para a melhora gradual do sistema educacional.

Pensamos, aqui, algo talvez utópico, com tantas influências externas da sociedade onde o capital é mais importante que a pessoa, onde tudo pode ser comprado e que acreditam que os bens materiais podem comprar o tempo de qualidade que deixam de ter com seus entes queridos. Não questiono o sentimento de boa parte das famílias, pois acredito que todas tenham amor, mas talvez algo tenha se perdido no meio da confusão capitalista que se formou, onde esquecimentos de eventos importantes dos filhos podem ser compensados por celulares modernos. Aos poucos um modelo de que o importante é “ter” e o não do “ser” se

instaura nos alunos, deixando assim uma marca que pode ser entendida nesse fracasso escola. Pode parecer mais importante terem itens de valor, concretos e imediatos a terem o conhecimento, algo mais abstrato e em longo prazo. Mas ao mesmo tempo os adolescentes vão para a escola buscar um tipo de refúgio, lá conseguem se socializar e ter a parte humana que eles precisam, vinda dos professores, funcionários e colegas, se deparando com isto o estudante tenta buscar a atenção que não tem no seu lar nestas pessoas, e assim também consegue chamar atenção de seus familiares.

Terminarei este presente artigo com a frase escutada por um dos alunos na escola durante os trabalhos: “A única vez que consigo conversar com meu pai é quando ele vem brigar comigo sobre minhas notas.”. Este exemplo representa uma boa parte desta dissertação, o negativo que seria a briga entre pais e filhos transformada em algo bom pelo fato do adolescente poder conversar com seu pai pelo menos uma vez durante talvez a semana inteira.

6 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Liomar **Quinto de. Terapias expressivas: arte-terapia – arte-educação – Terapia-artística.** São Paulo: Vector, 2000. 180 p.

BASTIDE, Roger. **A educação dos educadores.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, v.12, n.33, p.20-43, maio/ago. 1948.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. **Clínica e saúde coletiva compartilhadas: teoria Paidéia e reformulação ampliada do trabalho em saúde.** In: CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. Tratado de Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 41-80.

CANEVARO, Andrea. **I bambini che si perdono nel bosque.** Identità e linguaggi nell'infanzia. Firenze, La Nuova Italia, 1976

CARDOSO, Ofélia Boisson. **Alguns problemas de perturbação de caráter.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, v.3, n.8, p. 176-184, fev. 1945.

HALL, Margareth. **A importância do diagnóstico educacional.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, v.7, n.23, p.258-268, jul/ago. 1946.

KIMBALL, Sólton T. **Uma apreciação do ensino primário.** Trad. Maria Helena Rapp. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, v.33, n.77, p. 16-33, jan./mar. 1960.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

NELSON, Ernesto. **Necessidade do estudo da criança no lar e na escola**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, v.5, n. 15, p.329-352, set. 1945.

SZYMANSKI, H. **Trabalhando com famílias**: cadernos de ação. São Paulo: Instituto de Estudos Especiais, PUC/SP, 1992.

VASCONCELLOS, Celso S. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. São Paulo: Ideias, 1997

7 ANEXOS

Anexo 1: Questionário

Questionário Psicologia

Nome:

Idade:

Turma:

Responda as perguntas honestamente, não existem respostas certas ou erradas.

- 1- Quantas pessoas moram em sua casa? Quem são?
- 2- Quanto tempo você passa com eles durante o dia;
- 3- Quem você considera mais importante na sua vida;
- 4- Quanto tempo você fica sozinho por dia?
- 5- O que você mais gosta de fazer no seu tempo livre;
- 6- O que você espera para o futuro?
- 7- Qual seu maior sonho?
- 8- O que você acha da escola.
- 9- Você se considera alguém feliz?
- 10- Você gostaria de atendimento psicológico na escola?

Obrigado

Guilherme Tochetto